2.ª SERIE. TOMO III.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

SCIENCIAS—AGRICULTURA—INDUSTRIA—LITTERATURA—BELLAS-ARTES—NOTICIAS E COMMERCIO.

COLLABORADA POR MUITOS ESCRIPTORES DISTINCTOS.

Redactor e Proprietario do Jornal—S. J. RIBEIRO DE SÁ.

N.º 48. QUINTA FEIRA, 7 DE AGOSTO DE 1851. 10.º ANNO.

AVISO.

Em consequencia da reforma dos typos, e de outros melhoramentos para o volume seguinte da REVISTA, não pôde sahir o n.º 48 no dia proprio.

SCIENCIAS, AGRICULTURA E INDUSTRIA.

A INDUSTRIA NACIONAL E A EXPOSIÇÃO DE 1849.

IV.

Ferro e artes metalurgicas—A fabrica Phenix. (*)

505 A fabrica Phenix, na pessoa do Sr. Henrique Peters, teve a honra de receber uma medalha de prata na distribuição dos premios, conferidos pela Sociedade Promotora da Industria Nacional.

Os productos, appresentados na Exposição por essa fabrica, foram:

Um torno para tornear metaes e madeiras.

Uma charrua.

Um engenho de moer azeitona.

(*) Desde que nos resolvemos a incorporar este trabalho, com novo titulo de descripção e juizo critico da Exposição de 1849, em o livro annunciado em o n.º 16 do presente volume «Apontamentos para a historia da industria portugueza» fomos forçados a interromper a sua publicação, para prepararmos outros capitulos do livro annunciado. Hoje a continuamos, esperando que em os primeiros numeros do proximo volume trataremos das fabricas de lanificios, estamparia e tinturaria.

A justa apreciação destes productos, e com a qual nos honramos de concordar, foi pelo seguinte modo exarada no Relatorio especial da secção de — Artes Mechanicas do Jury da Exposição de 1849.

« O torno é uma peça acabada com esmero e « perfeição. Proporções bem guardadas — relações « exactamente conservadas, indisputavel vanta- « gem na torneação dos metaes. Mereceu muita « consideração ao jurado. Foi um dos mais nota- « veis artefactos que enriqueceu a Exposição. Co- « nheceram-no e acharam-no com tanta harmo- « nia de pensamento e execução, trabalharam « nos seus detalhes tantos officios differentes, e « de tal primor foi o trabalho de cada um delles, « que esta só peça bastaria para fundar a repu- « tação de uma fabrica, e dos operarios que col- « laboraram na sua construcção. »

« A charrua é fabricada á imitação ingleza, e « formada de peças convenientemente proporcio- « nadas. Ha de provavelmente ser tão prestadia « á agricultura como a charrua Dombasle, en- « saiada já em Portugal, e naturalisada no ser- « viço de alguns dos nossos lavradores. »

« A machina de moer azeitona, é forçoso dizer, « está menos bem fundida e acabada, que as ou- « tras. Mas como o seu uso não demanda tanto « apuro fabril, e o seu preço é rasoavel, o ju- « rado julgou-a digna de consideração. »

(*Relatorio da Exposição de 1849 pag. 112.*)

Eis aqui por tanto os justos fundamentos, em que assentou a bem merecida distincção de premiar o Sr. Peters *como benemerito da industria em um dos seus ramos mais importantes.*

Os progressos desta fabrica, assim como o de muitos outros ramos do nosso trabalho, tem sido quasi maravilhoso.

Começou em 1845 em uma pequena casa ao boqueirão da Palha, tendo apenas um pequeno torno; em 1846 mudou para o local em que actualmente está, rua do Caes do Tojo n.º 22 a 26, bairro de Santa Catharina, e nessa épocha collocou a primeira machina de vapôr a que ligou o seu nome, e a qual era da força de 6 cavallos, e ao mesmo tempo montou um outro torno e uma machina de aplainar. Foi em 1847 que a fabrica Phenix começou a fundir o ferro. E hoje o seu estado comparado com o seu principio de ha 6 annos, appresenta os seguintes resultados.

A pequena fabrica, ou antes loja do boqueirão da Palha, está convertida em uma grande fabrica, que trabalha em amplo recinto, e que já tem ido roubando ao Téjo algum terreno, sobre que trabalham as caldeiras de vapôr, destinadas a dar impulso á navegação nacional.

Um torno e alguns operarios eram então os meios do seu fabrico; e ao presente uma machina de vapôr imprime a velocidade ao trabalho, 30 machinas differentes o executam, e 83 operarios constituem a labotação de tão bem organisada fabrica.

O trabalho que se concentrava em uma só casa, no curto espaço de 6 annos, se decompoz e dividiu em oito officinas, das quaes daremos a disposição.

Entrando, a primeira que se encontra é a serralharia, com 5 differentes tornos de ferro, tendo 4 de 8 a 26 palmos de comprimento, e um só destinado a tornear superficies, tem 9 palmos de elevação.

Segue-se a officina em que está a machina de vapôr, que é como a causa ou explicação do movimento regular e acelerado de todos os apparelhos que acabamos de mencionar, e que antes della se avistam. Tambem a machina communica movimento a um rebolo de pedra, que lhe fica proximo, e á ventuinha da fundição de ferro.

Proximo á casa da machina está a terceira officina, que é a fundição do ferro, e no fim do longo e terreo corredor de que é formada, a estufa, obra dispendiosa, bem acabada e composta de muitos mil tijolos.

A quarta officina é a fundição de metaes, e nella existe uma grande forja de ar.

A sexta e setima pertencem aos carpinteiros, continuamente occupados na feitura dos moldes de madeira, que tem de ser reproduzidos em ferro e outros metaes. Nestas officinas estão um torno e uma serra circular.

A oitava e ultima officina, é onde se fabricam as caldeiras das machinas de vapor, e os tanques de ferro. Esta officina tem uma machina de cortar e furar a chapa de ferro para as caldeiras, e um forno para aquecer e dobrar as chapas — perto estão os depositos de ferro para fundição, de carvão, etc.

Ainda que sejam bem conhecidos os trabalhos de uma fabrica como a Phenix, não podemos deixar de observar, que é muito para vêr a facilidade com que os tornos trabalham, movidos pelo vapor, e como as machinas de aplainar e furar cortam no ferro, como se fosse um corpo brando e muito permeavel. Tambem o aquecimento das chapas — a facilidade com que se moldam á fôrma que lhe pertende dar, quando abrasadas no forno proprio, são operações em que a força do homem se mostra dirigida pela soberana intelligencia, que põe em contacto a cabeça do sabio com o braço do operario. Mas o que prende os sentidos é a fundição. Surprehende vêr como o liquido candente, passando em correntes de chammas, é aparado em grandes colheres, e vasado para dentro do molde em que o esfriamento o converterá em um artefacto muitas vezes elegante e quasi sempre util. Por vezes, o ferro parecendo ferver, mal se contém dentro do molde, e em faiscas de fogo surge por differentes pontos.

Na fabrica do Sr. Peters é digna de vêr-se qualquer fundição. Em todo o processo reina a melhor ordem e o mais feliz acerto. O mestre é portuguez e filho do Sr. Ramos, proprietario da fabrica juntamente com seu genro, o Sr. Peters, director de todos os trabalhos.

Póde e deve dizer-se que a todos tres se deve o estado prospero e adiantado da fabrica. — Ao Sr. Ramos, pela sua alma grande, que o tem feito desviar os seus capitaes do tracto commermercial a que se dava, para os converter no elemento mais incerto de uma empreza fabril. Ao Sr. Peters porque é dos mais intelligentes e modestos fabricantes, que se pódem encontrar. Conhece como operario todos os ramos de trabalho do seu estabelecimento, e dahi provêm a perfeição do *detalhe*, a harmonia do todo nos productos da sua fabrica. Possue a instrucção que habilita o fabricante para melhor aperfeiçoar e inventar, e com o seu tracto cortez e franco offerece uma garantia não vulgar de que possue o verdadeiro merito, porque se não soccorre a nenhuma especie de charlatanismo. Portuguez pe-

las ligações de familia que o prendem a esta terra — pelo uso que faz da sua intelligencia e do seu trabalho — nós o contamos como um dos honrosos membros da nossa familia industrial.

Não podemos esquecer o filho do Sr. Ramos, moço esperançoso — que habilmente dirige a officina de fundição. A sua presença dentro daquella fabrica é um exemplo, que não deve deixar de ser apontado aos parasitas, que andam pelas escadas das secretarias a querer pegar-se a alguma verba magra do orçamento, ou aos que sem trabalhar desejam viver á custa da bolsa dos amigos e conhecidos. — O filho do Sr. Ramos representa alli a vocação para o trabalho — e o desejo de ser distincto, por esforço proprio, ainda mesmo á custa do sacrificio de uma vida penosa e sem commodidades.

Seguia a pratica da vida commercial, quando um fogo que houve perto da fabrica, o fez ahi demorar mais tempo do que costumava.

De subito tomou a resolução de passar a sua vida no centro daquelle trabalhar continuo, entre as chammas rubras do ferro candente, e os echos repetidos da acção do braço do operario, sobre o mesmo ferro de liquido convertido em solido.

Escolheu para seu estudo a officina de fundição, e ahi troca os commodos da vida, que podia gozar, pelo improbo trabalho em que a sua pericia diariamente se exerce.

As materias primeiras empregadas nesta fabrica, são de proveniencia estrangeira, e constam de

Ferro.
Aço.
Chumbo.
Zinco.
Cobre.
Carvão, etc.

Os seus productos mais importantes são:

Machinas de vapôr.
Caldeiras para machinas.
Prensas hydraulicas.
Calandras.
Ferragem para navios.

Todos os instrumentos necessarios para as fabricas de fiação, as fabricas de tecidos, as fabricas de papel, e laboratorios chimicos.

Instrumentos de lavoira.

A freguezia que tem das principaes fabricas de Lisboa, e de alguns dos mais respeitaveis e honrados negociantes da praça, a honrosa escolha que desta fabrica fazem os inglezes, mandando ahi fazer obras para a sua esquadra, eis aqui o verdadeiro premio dos esforços reunidos da intelligencia, da probidade e do trabalho.

Como prova da intelligencia, com que se dirige esta fabrica, e do modo como ahi se comprehendem os verdadeiros meios de auxiliar a industria nacional, julgamos dever dar publicidade á seguinte informação, dirigida ao Governo Civil de Lisboa, para ser presente ao Governo, juntamente com os esclarecimentos estatisticos, que é costume pedir ás fabricas.

Eis aqui as ponderosas considerações do proprietario da Fabrica Phenix.

« O proprietario declara, que pela acquisição que tem feito das machinas e apparelhos de que precisava, está habilitado para fabricar quaesquer peças de ferro, e outros metaes, e os muitos e variados objectos de que tem sido incumbido para diversos ramos da nossa industria. Ainda conta dar maior amplitude ao seu estabelecimento se podér obter operarios intelligentes, apesar de que a esse desenvolvimento obstam os diminutos direitos que pagam os artefactos estrangeiros e o elevado direito das materias primeira de que faz uso. Propõe o mesmo proprietario como providencias protectoras desta industria — a creação de aulas publicas, onde os operarios possam adquirir a instrucção prévia pelo estudo da arithmetica, geometria, desenho linear, chimica e physica: — uma lei que regule as horas de trabalho em todas as officinas, bem como o tempo que os operarios devem empregar na aprendizagem — a restituição dos direitos das materias primeiras, quando depois de manufacturadas forem exportadas — a exposição publica em prasos fixos, e a distribuição tambem publica de premios, aos operarios e fabricantes que mais se distinguirem, quer por introducção, aperfeiçoamento, e a invenção de processos de trabalho — o concurso publico de todos os fabricantes nacionaes ou estrangeiros para qualquer obra do Governo — a publicação official de todas as descobertas que se fizerem nos paizes estrangeiros, dos quaes póde haver facil conhecimento por meio dos nossos agentes diplomaticos ou consulares. »

Quando em uma fabrica se pensa tão judiciosamente ácerca dos interesses industriaes — e quando os productos do seu trabalho são tão perfeitos e seguros como os que sahem das officinas da Phenix, o seu proprietario, o seu director e os seus operarios, merecem não só o premio

com que uma Exposição auxilia a industria — mas tambem os que o Governo deve saber conferir, e os que a imprensa, em nome da opinião publica, deve offerecer, louvando e prestando homenagem ao talento, á probidade e ao trabalho.

S. J. RIBEIRO DE SÁ.

EXPOSIÇÃO UNIVERSAL DE LONDRES.

XVIII.

506 Um collaborador do *Journal des Débats* M. J. Lemoine, escreve de Londres a carta seguinte: — « Se bem me lembro era J. J. Rousseau que dizia — Prefiro ser o homem dos paradoxos a ser homem de preoccupações. — Peço licença para seguir opinião contraria. Ha pessoas apaixonadas pelos paradoxos que vem a Londres para *não ir vêr* a Exposição: eu tive a preocupação de ir logo lá assim que cheguei, e tenho outra preocupação, commum a muita gente, a de ficar extasiado de admiração perante aquelle maravilhoso espectaculo. Este sentimento é universal, e ouço exprimil-o por toda a parte e em todas as linguas; não haverá espirito critico ou sceptico que não se dobre á vista desta obra grandiosa. Independente das difficuldades que encontrou a execução da empreza, houve no acolhimento do publico de todos os paizes, certo sentimento de hesitação. Esperava-se o effeito da abertura, e póde dizer-se que o primeiro mez foi para a cidade de Londres uma especie de descoroçoamento. Apenas nas hospedarias havia mais alguma concorrencia que de ordinario; as casas para alugar mostravam tristemente seus escriptos, e os innumeraveis preparativos para receber o universo pareciam inuteis. O facto é que se havia feito tanta bulha de antemão a respeito dos milhões de homens que deviam pousar em Londres, a contar do primeiro dia da Exposição, que tambem parece que mais os espantaram do que attrahiram. Pelo restante da Europa imaginar-se-hia á noticia de tamanho alvoroço e reboliço, que não se poderia andar pelas ruas, que seria forçoso dormir ao relento, e bem sabeis qual é a opinião geral a respeito do sol e do luar deste paiz. Concordou-se que tudo isto eram mythos. Pouco a pouco desasombraram-se os animos, e assim que constou que tudo corria o mais regular e pacificamente possivel, os curiosos pozeram-se a caminho, e actualmente do centro dos continentes, dos confins dos mares, innumeraveis caravanas vem assentar arraiaes neste vasto mercado do universo. É como o movimento do oceano, uma onda impelle a outra: o impulso foi lento, precisamente porque procedia de longe; mas agora está dado e não parará. Deve ter sido mui consideravel esta pacifica invasão dos povos, pois que tem quasi mudado o aspecto de Londres. Neste espaço incommensuravel que não tem barreiras, e ainda menos fortificações, que se compõe de cidades livres encabeçadas umas nas outras, habitualmente apenas se reparava em estrangeiros. Mas desta vez a cada instante vem bater nos ouvidos accentos de voz humana conhecidos e desconhecidos: desde os chinas, verdadeiros ou simulados, até os servos da Russia, todas as castas estão representadas e passeiam com seus trages nacionaes, sem fallar em barbas e bigodes, que ainda são *costumes*, *trage de caracter*.

Parece que até os inglezes se afastam de seus habitos, e de véras creio que se fazem mais familiares. Sempre os achava civis e hospitaleiros quem lhes era appresentado; mas agora encontram-se muitos que entram em conversa sem preceder a ceremonia ordinaria da *introducção*. Decididamente os usos britannicos modificam-se. De mais, esta irregularidade procede de um excellente sentimento: os inglezes dão agora hospitalidade ao mundo inteiro e timbram no bom acolhimento; capricham tambem em que da sua grandeza nacional levem os estrangeiros a melhor idéa possivel; e interrogam todos com visivel sollicitude ácerca da impressão que faz a vista da Exposição. — E de feito, é grandissima esta impressão; já a sentis ainda antes de chegar ao palacio de cristal. Assim como viajando se conhecem as immediações de uma cidade populosa pelo numero crescente de passageiros, de egual modo pelo movimento que se accelera, se multiplica no caminho da exposição, se percebe que nos approximamos a um grande centro, a um grande foco. É uma agitação incrivel e que impossibilita o espectador de a descrever. A multiplicidade dos omnibus sobretudo é em certo modo fabulosa; contam-se centos delles n'um quarto de hora. A melhor maneira de *ver* neste paiz é ao mesmo tempo a mais democratica; o mais conveniente é sentar na almofada superior de um omnibus; dalli se goza toda a entrada, e se descobre muito antes de lá chegar o pasmoso palacio de vidro de que tereis lido tantas vezes a descripção, que me dispenso de re-

petil-a. As bandeiras de todas as nações fluctuam tranquillamente neste templo da concordia. Para a primeira visita será bom preferir a entrada principal, a que dá serventia logo para o transept. Á esquerda vê-se o escriptorio do telegrapho electrico, estabelecido para a communicação reciproca de todas as extremidades desta construcção, que verdadeiramente se póde denominar cidade, contando ás vezes setenta a oitenta mil almas de população. Não se dão bilhetes; cada pessoa entra entregando logo o dinheiro: e a fim de evitar perda de tempo, não se dá troco de dinheiro em ouro ou de outro qualquer; é necessario que o visitante leve promptos na mão os competentes schellings.

Não ha coisa tão assombrosa como a entrada pelo transept. Achamo-nos em frente de uma arvore corpulenta, que foi mettida debaixo de campana como uma planta rara em jardim botanico. Progredindo, giramos debaixo desta abobada immensa por entre a verdura e as flores, ao sussurrar das aguas, e gozando os effeitos do ar e da luz; na extremidade opposta tambem se veem duas grandes arvores encravadas neste recinto. O transept tem 108 pés de altura, 408 de comprimento e 72 de largura. Chegando ao meio, junto á fonte macissa de cristal, podemos abranger de um relance de olhos toda a extensão do edificio, que cobre 772.774 pés quadrados e se estriba em 3.300 columnas de ferro. A abobada de vidro tem de superficie 900.000 pés, representando um pezo de 400 toneladas: o panno estendido por toda ella a protege do sol. A decoração de todo o edificio, confiada a um dos mais distinctos architectos, M. Owen Jones, está disposta com muito engenho e produz admiravel effeito.

Imaginae agora cincoenta mil homens, mulheres e creanças, circulando nesta immenta estufa, sem a menor desordem, o menor tumulto. Nos dias em que o preço da entrada é um schelling, sobe a setenta mil o numero dos visitantes. Ha dois dias em que os preços são mais altos; á sexta feira pagam-se dois e meio schellings, e aos sabbados cinco ditos. O sabbado é o dia da tafularia, e como o palacio só fecha ás sete horas, desde as quatro até ás seis, vê-se alli Albion em todo o esplendor da sua belleza. Os dias de um schelling não deixam egualmente de ser curiosos: chegam os habitantes das provincias com seus trages camponezes, trazendo mulheres, filhos, e munições de boca; trens dos caminhos de ferro os conduzem a Londres por um preço mais baixo que o ordinario; no desembarcadouro dos caminhos de ferro mettem-se em grandes carros que os transportam á Exposição; encontram-se tambem nas ruas longas caravanas a pé; alguns destes cirios vem distribuidos por freguezias com seus reitores á frente. Os coroneis mandam alli seus soldados, e os almirantes os marinheiros. Ainda ha poucos dias, o principe Alberto fez esta mercê ao seu regimento dos guardas escocezes; e hontem veio a equipagem do hiate real em numero de 130 homens. Lord Dundonnald mandou do mesmo modo a tripulação da sua náu. É notavel vêr centenares de rapazes das escholas pias, que se encontram muitas vezes nas ruas com seu vestuario azul e meias amarellas, caminhando aqui debaixo de formatura. Miss Burdett Courtts, que consagra parte da sua immensa riqueza a estes institutos de beneficencia, conduziu pessoalmente as creanças de uma eschola que ella fundára.

Ás duas para as tres horas todos comem; toma-se o *luncheon*: ha enormes mezas onde se encontram temerosas pastelarias e horrorosos cremes com pertenções de gelados: os preços são marcados pelos commissarios e afixados em publico. Não ha nem vinhos, nem cervejas, nem licores; mas naturalmente ha chá: tambem disseminadas pelo edificio muitas fontes de agua filtrada, guarnecidas de pequenas taças, estão á disposição dos passeantes.

O sabbado de manhã até o meio dia é reservado aos doentes e invalidos, que vão em pequenos carros; e não deixa de concorrer grande numero. — Vi a Exposição ainda sob outro aspecto, que apezar de monotono tem não sei que de pictoresco: vi-a n'um domingo. Sabe Deus que difficuldades venci, para lá entrar nesse dia; mas entrei, graças a uma protecção que não devo trahir. Tudo estava em descanço, até me parece que nem os relogios se mechiam; penso que unicamente havia um em movimento. As estatuas cobertas com pannos brancos ou lençoes similhavam phantasmas, e todas as coisas preciosas estavam do mesmo modo tapadas. O que de passagem me deu mais na vista foi um honrado *policeman*, que lia pacificamente o officio divino no seu livro de orações, e que não devia escandalisar-se da nossa falta de respeito pela santificação do domingo.

O COMMERCIO DA AGUA-ARDENTE E A ESTATISTICA.

A REVISTA faltaria ao plano que segue ha tantos annos, se deixasse de pugnar por todos os diversos interesses, que devem constituir a nossa verdadeira prosperidade economica. Se alguma vez estes deveres deixam de ser cumpridos, é por que é impossivel alcançar o estudo geral desses interesses, sem que elles sejam apontados pelas pessoas especialmente competentes: mas sempre que o são, não deixa a nossa penna de prestar o seu fraco auxilio ao remedio que se reclama, para qualquer prejuiso que ameaçe alguma das fontes da riqueza nacional. É isto o que nos acontece, em relação ao que no mercado das aguas-ardentes se está passando, em consequencia de não ser completo o trabalho estatistico, que em relação ao seu deposito no Porto, se costuma officialmente publicar, com referencia a cada mez do anno. Um amigo nosso, em quem temos plena confiança, o qual na materia de que se tracta é das pessoas mais competentes, nos communica a tal respeito algumas considerações, ás quaes julgamos dever dar publicidade, instando para que sejam tomadas em consideração pelo Governo. Estas considerações se referem, não só á estatistica do deposito da agua-ardente, mas tambem á portaria de 19 de Junho ultimo recommendando o exacto cumprimento de certas disposições fiscaes, para evitar que, debaixo do movimento das aguas-ardentes de producção nacional, se possa fazer o contrabando deste genero.

Eis-aqui um extracto das considerações a que nos referimos, e que nos parecem tão judiciosas e justificadas, que não deixarão de ser attendidas pelo Sr. Ministro da Fazenda.

Devemos declarar que taes considerações foram escriptas em 16 de Junho ultimo, e isto só para explicação da referencia a differentes datas.

507 Todos o previam e calculavam que as aguas-ardentes e vinhos este anno sustentariam o bom preço a que se elevaram nos mezes de Fevereiro e Março. O mercado do Porto attrahia todas as attenções, a exportação crescia progressivamente e apresentava um futuro animador para os lavradores vinhateiros do norte e do sul do reino. De repente a vida, o movimento e actividade daquelle mercado transformaram-se n'uma paralisação e n'um esmorecimento completos. Os preços da agua-ardente desceram de 150$000 réis effectivos a 110$000 réis a pipa, nominaes.

Estudemos as causas deste phenomeno e vejamos até que ponto o Governo póde remediar as suas funestas consequencias.

O deposito no Porto e em Villa Nova em fins de Dezembro de 1850, orçava apenas por umas 2,900 pipas de agua-ardente. A ultima estatistica publicada dá-o hoje na cifra de 5,000 pipas. Mas esta estatistica é inexacta, porque se refere apenas á importação que tem accrescido depois daquella data, e não menciona nem póde mencionar o consumo posterior a 31 de Dezembro. Esta publicação feita assim assusta os possuidores de agua-ardente e os distiladores, e desvia os compradores do mercado na esperança de uma baixa consideravel, que infelizmente se vai realisando. Neste paiz não ha estatisticas officiaes perfeitas em coisa alguma, mas essas poucas e defeituosas que se publicam, não devem significar o contrario do que costumam significar nos outros paizes.

Não fôra mais racional, mais economico e mais regular, o addiccionar á publicação da existencia segundo o ultimo balanço e da importação deste anno, o calculo do consumo nos mezes decorridos, baseado no consumo dos annos anteriores? Não se aproximaria mais da verdade uma estatistica elaborada n'este sentido? Não se evitaria assim a funesta influencia de uma existencia exagerada e mentirosa no animo dos especuladores e dos consumidores?

No mercado do Porto constou que o Governo Britannico reclamava do nosso Governo o nivelamento dos direitos de exportação dos vinhos do Douro, qualquer que fôr o seu destino. Ainda hoje se desconhece no Porto o estado e a situação destas negociações. Nem eu pertendo prescurtal-as, nem inclinar o Governo a decidir-se no sentido de annuir ou de recusar esta reclamação. Queixo-me da perniciosa influencia deste estado anomalo e incerto, porque vejo o mercado de vinhos do Porto absolutamente estagnado por effeito desta incerteza. Ninguem quer exportar vinhos para a Europa pagando 15$000 por pipa, porque ninguem sabe se daqui a dois dias os poderá exportar com um direito muito menor. Entretanto, a expectativa vae-se protrahindo.

Se o Governo está effectivamente na opinião de addiar este negocio para a reunião das Camaras, porque o não declara francamente? Se pertende resolvel-o diplomaticamente porque o não resolve? Não vê o Governo que se aproxima uma colheita esperançosa, e que a accumulação dessa colheita aos vinhos existentes, hade influir inevitavel e desgraçadamente nos interesses dos productores?

O contrabando de agua-ardente faz-se, e infelizmente faz-se n'uma escala bastante extensa. O que significa a importação de tão avultadas porções de agua-ardente do Minho no Porto, n'um anno em que a colheita do vinho naquella provincia foi tão escassa, que nem sequer podia chegar para o consumo da localidade? O que significa o estabelecimento de distilações novas na raia hispanhola n'um anno, em que se não colheram vinhos de producção nacional para entreter as distilações antigas?

Seria por certo, convenientemente fiscal, o expedir uma portaria recommendando a fiscalisação do litoral e da raia, alterando mesmo o seu pessoal, e estabelecendo um inquerito e uma vigilancia permanente e activa sobre esse pessoal.

LITTERATURA E BELLAS-ARTES.

AINDA A HOMŒOPATHIA.

Illm.º Senhor.

508 Como estou arredado do grande turbilhão dessa cidade, sem communicações directas e faceis para esta pequena aldêa, chegam-me as correspondencias tarde e a más horas, e por isso não respondi immediatamente como convinha, n'um jornal diario, á insolente provocação do sujeito, que ahi se intitula Dr. Proença, Medico do Povo. Eu bem sei que é plano antigo de todos os charlatães interessarem, quanto lhes é possivel em suas miseraveis questões, as pessoas serias, que a final de contas se acham compromettidas servindo de pretexto a *escandalosas propagandas*, e de motivo innocente ás aggressões, que os taes commettem contra a bolsa alheia. Peza-lhes o trabalho probo e honesto; e por conseguinte vão armando á credulidade publica, avolumando a propria insignificancia com o nome e trabalho alheios. O povo corre aos annuncios ribombantes e miraculosos, logrando unicamente encher o cofre do milagreiro.

Eu não sei se o tal Dr. Proença pertence á honrosa familia desses manigrepos da Medicina; desconfio, porém, que já está iniciado nos altos mysterios da divina sciencia, não só pela correspondencia, inserta no numero anterior da REVISTA, d'aquelle pobre doente que lá deixou os competentes *honorarios*, mas sobre tudo pela carta que um amigo meu acaba de me dirigir, e cuja publicação pedia a V. , não havendo inconveniente. Diz assim:

« Amigo, bem se vê que habitas na aldêa de Fanhões. Estás ainda tão pelludo como um urso branco. Parece que sahiste hontem das eschólas, e não intendes nada deste mundo sub-lunar. Tu que vives do teu honesto trabalho, e das berças que affectuosamente cultivas, mal percebes que se possa existir de outro modo, senão ganhando com o suor do rosto o pão quotidiano. Quanto te enganas, pobre amigo: ainda assim Deus te conserve em tão doce e suave illusão. Todos os que vês em redor de ti vivem trabalhando, e por conseguinte todos assim devem viver, dizes tu para os teus botões. Logica implacavel, não ha duvida, e segundo o Genuense que ainda não esqueceste; mas que tem apenas o pequeno defeito de não ser applicavel ás coisas deste mundo. Aqui todos vivem, e acredita meu amigo, que muito poucos trabalham. Os empregados publicos que por cá dizem os papeis, que andam a morrer de fome desde tempos immemoriaes, é uma raça inextinguivel como a dos Atridas; não acaba, não póde deixar de existir. Não querem fazer essa pirraça aos jornalistas, cujas lamentações teriam de converter em dolorosos epicedios. Vivem, e acredito que de esgravatar os dentes. É nelles uma necessidade como outra qualquer. Ainda que estejam na repartição com um copo de agua fresca no estomago, o palito é essencial, como desenjoativo. O trabalho, tambem, consiste em aparar pennas, coisa ligeira, que lhes não deve promover demasiadamente os instinctos gastronomicos. Mas se os consultares, estão afflictos com o expediente, que nunca chegam a expedir. É tambem um expediente com que pertendem explicar o charlatanismo da incuria e do agradavel *far niente*.

E todos são assim: desde o sabio que adormece a meditar no dificil problema da quadratura do circulo, até ao ignorante que jamais acordou com similhante pezadello; desde o ministro salvador que promette salvar a patria com a sua administração, até ao jornalista loquaz, que todas as manhãs entorpece tão pio e generoso pensamento. O ministro teima em salvar o paiz, como o sabio em reduzir o circulo a quatro bicos oppostos; é um bico de obra que levaria a cabo, se podesse conseguir que o jornalista callasse tambem o bico. A questão, como vês, é por extremo aguda; e por isso não te admires de nella andarem empenhados os nossos melhores e mais felizes engenhos.

Não te cances em imaginar; tudo isto é para te dizer, que nem um nem outro, nem mesmo o jornalista fazem coisa que se veja. E todos vivem, accredita, e vivem sem fazer nada. Como pois te admiras, que haja quem pregue a homœopathia, e viva dos seus proventos? Se fosses da Aldêa de Pae Pires, era capaz de te deixar nesse ponto de admiração, mas em Fanhões, tão perto desta cidade, do fóco illustre das lettras e das tretas, apenas a algumas leguas do centro da maxima civilisação portugueza!...

Ahi está porque passaste pelo desgosto de veres negado o teu nome, e posta em duvida a tua preciosa existencia. O Dr. Proença põe os pés á parede, e jura pela sombra de Hahneman, que és um maldito anonymo. Ora bem sabes que quando um homœopatha chega ao extremo lance

de evocar aquella divina sombra, é como o judeu jurando pela toira, ou como o deus do Olympo, tomando o Averno por testimunha de suas terriveis palavras. Isto succede-lhe apenas nas occasiões solemnes.

Eu tambem, confesso-te o meu peccado, julguei ao principio, que o tal Dr. Proença não era uma realidade em carne e osso; suppuz e accreditei que não passava de um mytho, de uma visão, ou antes de um logro scientifico, que algum folhetinista galhofeiro da *Semana* queria pregar ao *Esculapio*. A farça era chistosa, e os Redactores daquelle jornal capazes de a representar, porque são uns demonios vivos cá nestas coisas da imprensa.

Confesso-te que assim o suppuz; e se fosse judeu, jurava-o pela toira; o que era uma judiaria. Felizmente não cahi em pôr a mão no antigo testamento, e cobrir-me com o chapeu como é d'uzo entre os Hebreus, porque o Dr. Proença existe, senão como tu julgavas talvez que elle existia, pelo menos muito parecido com o que todos imaginavam.

A primeira coisa que deves saber é que o *medico do povo* da *Semana* e o Dr. Proença, são duas pessoas distinctas, sem nenhuma relação entre si. Aquella escriptura apurada e limpa lembra um dos redactores mais illustres da *Semana*, cujos artigos por mais disfarçados que o seu talento consiga fazel-os, escusam de assignatura para denunciarem o auctor. Até com a homœopathia tem a habilidade de fazer espirito. Mal sabia o redactor da *Revista*, contando o apologo do molho de coelho, que entrava nos mysterios do Dr. Proença. Mas este facto nada prova contra o medico do povo, porque, como esteve por largos annos no Imperio do Brazil, exercitando a homœopathia, não admira que tenha esquecido completamente a lingoa patria, e saiba apenas o idioma brazileiro, que ninguem por cá entende.

Agora o que eu não sei é com que bullas se appellida Dr. em Medicina. Não me consta que ainda tenha feito exame, nem que obtivesse para curar alguma licença especial. Se o Conselho de Saude soubesse cumprir a sua obrigação, e estou que hade saber, não havia o medico do povo affoitar-se tanto a comprometter a sua reputação. No Brazil a homœopathia é um mister permittido e consentido, entre nós, e exercitado por pessoa incompetente, não me parece que seja licito. É um dos charlatanismos condemnados por lei e com rasão. Já bastam os soffrimentos a que está exposta a triste humanidade. Eu confio na sabedoria do Conselho de Saude para acabar com aquelle escandalo que toda a cidade está presenciando.

O doente que se queixou, na *Revista*, da deshumanidade do Dr. Proença, ainda foi dos mais bem tratados, porque o Dr. teve a generosa lembrança de lhe levar apenas metade da multa habitual que impõe á gente credula.

Cada remedio custa meia moeda, a consultação do Dr. é gratis. Não me recordo em que lei vem prohibida, com penas avultadas, a fabricação de remedios fóra das officinas pharmaceuticas, e bem assim a sua venda; pois o medico do povo faz tudo; consulta, prepara o medicamento, e vende-o pelo preço que lhe parece ou lhe convem.

Os boticarios não devem estar satisfeitos, tanto mais quanto são obrigados a vender por tabella segundo o regulamento, e o medico do povo ainda julga dever prescindir de similhante prescripção.

O que fará o Conselho de Saude! aqui em segredo posso affiançar-te que se elle não cumprir a sua obrigação, está-lhe preparado um memorial, com que hade dar pulo. Então virá o antigo e o moderno. Nós veremos se aquelles senhores medicos estão disfructando as rendas do estado, sómente para nos declarar de vez em quando que um porto de Hollanda ou da Noruega se acha inficcionado, coisa que todos sabemos muitos dias antes pelos jornaes estrangeiros. No mais fazem como os empregados de que já te fallei, palitam os dentes, e riem-se dos periodicos. Veremos quem ri a final.

O *medico do povo*, vulgo Dr. Proença, publicou aqui, e tem feito espalhar um papeliço em lingua brazileira, intitulado — *Instrucções para os enfermos que são tratados homœopaticamente pelo mesmo Dr.* Este impresso é de uma necedade curiosa. Começa dizendo: « que nos casos ordinarios o medicamento deverá ser tomado á noite, quando deitado, e sem inquietação moral, tendo acabado o trabalho da digestão, e quando o doente se ache disposto a dormir, ou mesmo no decurso da noite, quando elle depois de haver acordado, sente-se disposto a dormir outra vez. » O resto é de egual theor.

As taes instrucções terminam, referindo o caso do menino Joaquim Moreira, do Rio de Janeiro, que brincando na praia de *pé descalço*, se feriu com uma casca de ostra, *um pouco mais abaixo*

do tornozello. Sobrevieram-lhe accidentes espantosos, e uma chaga quasi incuravel. Á homœopathia porém deveu a salvação. *Com mais duas dozes que ao todo foram trez, pôde o menino* ficar *curado, e prompto a marchar.* As instrucções não dizem para onde.

Assim pois, meu amigo, fica na tua aldêa de Fanhões, e deixa o homœopatha ao seu destino, e ás galhofas dos folhetinistas.»

Sr. Redactor ahi está a carta que acabo de receber, e que servirá de resposta á provocação do *medico do povo*, se v. não achar inconveniente que seja publicada. Agora permitta-me ainda de não acceitar a generosidade do illustre homœopatha, que se dignou fazer uma excepção aos seus louvaveis costumes de não responder a anonymos, sómente em favor do pobre facultativo de Fanhões. Não tenho tempo a perder. *Similia similibus*, que discuta com os seus similhantes.

De v. etc.

F. S. ANTONIO BARROSO.

O INVENTOR DO DAGUERREOTYPO.

509 No dia 12 do passado Julho, artistas em numero consideravel se dirigiram a Petite-Brie, aldêa pouco distante de Paris, para tributar os derradeiros e pios deveres a um homem, cujo nome immortal está annexo a um dos mais admiraveis descobrimentos dos tempos modernos.

M. Daguerre, que nascêra em Cormeilles no anno de 1788, contando apenas 63 de edade succumbiu quasi subitamente. O illustre artista tinha ultimamente adquirido excessiva gordura e parece ter sido victima de uma apoplexia ou congestão cerebral.

Daguerre mostrou em edade precoce as mais vantajosas disposições para as artes de desenho e pintura. Entrou no laboratorio de M. Degotti, celebre pintor de theatro, a quem deveu a Opera obras admiraveis, entre outras «o inferno das *Danaides*:» ahi teve os melhores exemplos, recebeu os melhores concelhos, e pôde vir a ser mestre logo que encontrou um theatro, que lhe permittiu pôr em pratica os designios que silenciosamente meditára. Lembram ainda os seus maravilhosos pannos do luar no *Sonho ou capella de Gleuthornn*, do nascer do sol nos *Mexicanos*, de um nevoeiro n'um melodrama, e outros quasi innumeraveis, que o habilitaram para crear, mais tarde, o *Diorama*, que foi por largo tempo o assombro de francezes e estrangeiros; ahi expoz successivamente o valle de Saarnem, a capella de Holy-Rood, a abbadia de Roslyn, a aldêa de Untersem, a ponte de Thiers, o monte St. Gothard, o diluvio, etc. Infelizmente se a creação do Diorama confirmou a reputação de Daguerre como artista, foi causa da sua perda. É notorio que aquelle estabelecimento ardeu, e o seu fundador teve de arrostar com mil demandas mais ou menos mortificantes, mais ou menos desastrosas.

Sem duvida, para distrahir-se ou buscar meios de restabelecer seus haveres, damnificados por essa duplicada catastrophe, deu-se a estudos e a experiencias com M. N. St. Victor, de Dijon, o primeiro que tratou dos meios de fixar e conservar as imagens obtidas n'uma superficie plana, mediante a camara obscura. É assás conhecido o resultado desses bellos trabalhos. O mundo scientifico tomou sob sua protecção a descoberta dos dois artistas; uma lei, votada na camara dos deputados por proposta de M. Francisco Arago, lhe assegurou uma recompensa nacional; porém, o nome do descobrimento recebeu o nome de Daguerre. São constantes os progressos que tem feito depois que veio a ser propriedade geral, e presume-se que ainda fará muito maiores.

Nestes ultimos tempos não descontinuava Daguerre de aperfeiçoar o invento, e de certo instrucções bem preciosas se encontrarão a tal respeito nos seus papeis: deixou tambem grande quantidade de esboços, de desenhos, de aguarellas, de pinturas a tempera, de subido valor. No regimen da restauração tinha enviado alguns paineis ás differentes exposições no museu; e os seus grandes trabalhos foram causa de não figurar nelle mais a miudo.

Daguerre havia contrahido matrimonio com uma ingleza que lhe sobrevive; esta senhora tomou parte no retiro em que seu marido se concentrou, depois de uma vida bastante agitada.

N'um supplemento da *Illustração* de Londres achamos a seguinte noticia mais circumstanciada.

« Uma nota inserta ha pouco em o *Moniteur* no fim dos *factos diversos* annunciava que M. Daguerre fallecêra em Petite-Brie-Sur-Marne aos 10 de Julho, e que os funeraes teriam logar no dia 12. Quem julgará por isto que se falla de um homem eminente, do inventor do diorama e do daguerreotypo, de um artista que tem certa

a immortalidade? Os outros jornaes imitaram o silencio do jornal official. Absortos nas preoccupações politicas apenas consagraram a Daguerre algumas linhas insignificantes. Assentámos que deviamos reparar este esquecimento.

Luiz Jacques Mandé Daguerre nasceu em 1788 em Cormeille, departamento de l'Eure. Foi primeiramente empregado nas contribuições directas, mas em breve, levado da sua vocação conseguiu ser admittido na officina de Degotti, decorador da Opera. Posto que de tempos a tempos expozesse quadros de estylo, fez-se conhecido sobre tudo por decorações theatraes, que excederam tudo o que até alli fôra visto nesse genero, e os entendedores ainda se recordam das scenas dos *Machabeus*, do *Belveder*, do *Sonho*, da *Alampada maravilhosa*. Daguerre foi tambem collaborador de Prevost, tão celebre pelos Panoramas de Roma, de Napoles, de Londres, de Jerusalem, e de Athenas. Foi no laboratorio deste artista que encontrou M. Bouton, e ambos conceberam a idéa de um astabelecimento panoramico, em que a luz interviesse para ajuntar a mobilidade dos effeitos ao attrativo da côr: para esse intento erigiu um edificio especial o architecto Chatelain, constructor dos banhos de mar de Dieppe, no local dos jardins do hotel de Samson. A sala tinha 7 metros e 77 centimetros de altura e 11 metros e 34 centimetros de diametro, podendo admittir 350 pessoas; o sobrado movel girava sobre um pião como os moinhos de vento sobre o seu eixo; a escada da sala girava com ella n'um corredor circular. Um homem só punha este mechanismo em movimento, a cada mutação de vista, e os espectadores eram transportados para defronte de uma grande abertura de proscenio, descobrindo-se no fundo o quadro a uma distancia que variava de 12 a 18 metros. As aberturas de proscenio tinham seis metros e 48 centimetros d'alto e 7 metros 12 centimetros de largo.

Abriu-se o novo estabelecimento aos 11 de Julho de 1822, e todos os contemporaneos se recordam da impressão que produziu; todos os jornaes se espraiaram em pomposos elogios. No anno seguinte, Mr. Daguerre ousou arrostar com uma difficuldade que parecia inesperavel. Mostrou-nos as ruinas da capella de Holyrood: os raios da lua prateavam o solo, bem como as anfractuosidades das paredes destruidas; nuvens leves passavam a intervallos, e variavam o brilho do ceu; ao pé do tumulo, sobre o qual estava posta uma luz, rezava ajoelhada uma mulher vestida de branco. Durante a exposição, tocava uma flauta uma antiga musica escoceza. O quadro obteve um triumpho que não deveu sómente ao seu merecimento e ao complexo de engenhosas combinações: a litteratura scismadora e melancolica estava então no seu apogeu, e o assumpto, que M. Daguerre escolhêra, quadrava optimamente com a disposição contemplativa dos animos.

De 1822 a 1839 admiraram-se successivamente no Diorama a abbadia de Roslin, o porto de Brest, o interior das cathedraes de Rheims e de Chartres, o incendio de Edimburgo, a vista de Ruão depois de uma trovoada, a entrada da egreja de Mery junto a Pontoise, a aldeia de Entersen, a vista de Paris tirada de Bas-Meudon, a vista interior do claustro de St. Wandrille, a Selva Negra, o Cemiterio de Pisa, a ilha de Santa Helena, o Monte Branco, S. Pedro de Roma, a vista do Trocadero, a de Veneza tomada do grande canal dos esclavonios, a caldeira denominada do commercio em Gand, o monte St. Gothard, a missa da meia noite em St. Etienne du Mont, o templo de Salomão, o esboroamento do Valle de Goldan em 1806.

Estes quadros eram de uma illusão prodigiosa, diante delles esquecia-se a pintura para se crer na realidade: qualquer se persuadia poder vaguear em tôrno das columnas das egrejas, trepar os rochedos, embarcar nos rios, chegar á extremidade das galerias: a passagem das trevas para o dia, as variações atmosphericas eram fielmente reproduzidas. Na *missa da meia-noite* o crepusculo baixava gradualmente, a egreja estava deserta e escura; depois accendiam-se as velas uma por uma, vinham os fieis ajoelhar nos logares até alli vasios, ouvia-se o orgão, e acabado o officio divino, apagavam-se as luzes deixando a egreja n'uma penumbra que dissipavam os primeiros alvores da aurora.

Um incendio interrompeu os fructuosos trabalhos de MM. Daguerre e Macton: manifestou-se o fogo na sexta feira 3 de Março de 1839 pela uma hora da tarde na sala dita do Boulevard, onde Daguerre concluia a vista do interior de Santa Maria Maior: ás duas horas jorravam mui alto as chammas do edificio abrazado, e uma chuva de tições ameaçava os predios visinhos. Os soccorros, dirigidos pelo prefeito da policia, tiveram por objecto salvar as casas adjacentes. O Diorama em breve se transformou n'um acervo de

cinzas fumegantes, a que faziam cerco compacto os curiosos, mantidos a certa distancia pela força armada.

Daguerre ia ser indemnisado desta perda por uma brilhante conquista.

De combinação com M. Niepce pae, desde 1814 procurava os meios de fixar as imagens da camara obscura: tratava-se de achar uma substancia chimica tão sensivel aos raios luminosos, que conservasse o vestigio do seu contacto, deixando em preto os espaços subtrahidos á influencia da luz, de modo que produzisse uma verdadeira gravura. A final achou-se o segredo; M. Arago o expoz á Academia das sciencias em sessão de 9 de Janeiro, requerendo que o governo fizesse a acquisição do processo. Em toda a França fez ecco o maravilhoso descobrimento. As primeiras provas photographicas excitaram nos sabios tanto assombro e enthusiasmo, quanto deveria ter causado a grande invenção de Guttemberg. Em 15 de Junho de 1839, M. Daguerre foi nomeado official da legião de honra; e no mesmo dia foi appresentado um projecto de lei tendente a obter o estado a cessão dos methodos photographicos, por meio de uma pensão vitalicia de 6:000 francos para M. Daguerre e de 4:000 francos para o herdeiro de seu collaborador M. Niepce. As duas camaras adoptaram o projecto quasi sem discussão nas sessões de 9 de Julho e dois de Agosto.

Muitos conservarão memoria da immensa voga, que grangearam as primeiras experiencias publicas feitas no palacio do caes d'Orsay. Depois de ter revestido de uma camada de iode uma lamina de cobre folheada de prata, M. Daguerre a collocava n'uma camara obscura, onde se reflectia a payzagem que tinha defronte; ao cabo de alguns minutos tirava a lamina, que não tinha soffrido alteração alguma apparente, e expunha-a aos vapores de mercurio aquecido na temperatura de 65 gráus centigrados; depois a fazia passar por uma barrela de solução quente de hydrosulphato de potassa; e o resultado completo da operação era appresentado á aggregação de pessoas escolhidas que se apinhavam em redor do inventor.

Daguerre revelou seus methodos n'um folheto intitulado *Historia e descripção dos processos do Daguerreotypo e do Diorama com observações e notas.* O auctor confessava lealmente a parte que tivera nas investigações photographicas M. Niepce pae, fallecido em 1833. Ambos haviam trabalhado separados durante bom numero de annos, e a final encontraram-se. Niepce já tinha obtido, quando se associou com Daguerre, fixar imperfeitamente a imagem da camara obscura n'uma chapa metallica, untada com uma solução de bitume de Judea em oleo essencial de alfazema. Daguerre a principio aperfeiçoou este methodo defeituoso para descobrir o aparelho, que tem agora o seu nome.

O daguerreotypo creou novos recursos a milhares de individuos; as artes e as sciencias diariamente fazem applicações delle; logrou-se empregal-o em 1850 para notar exactamente as variações do thermometro, do barometro, e da agulha magnetica. É sobretudo util para a representação fiel dos monumentos. « Se existisse na epocha da campanha do Egypto (diz M. Arago) bastaria um homem só para concluir, com bom exito em alguns mezes, um trabalho que exigiria, para ser desempenhado pelos processos graphicos ordinarios, vinte annos e uma legião de desenhadores: queremos fallar da reproducção dos milhões de milhões de hieroglyphicos, de que estão cobertos os grandes monumentos de Thebas, de Memphis, de Karnaat. Teriamos hoje a inapreciavel vantagem de possuir copias fieis delles, em vez dessas figuras de convenção que occupam tantas e tão vastas estampas na historia da expedição ao Egypto. »

O auctor de tão insigne descobrimento, o pintor, cujas telas dioramicas foram o encanto de Paris por espaço de vinte annos, assentava ter feito bastante para a gloria de seu nome, e vivia retirado n'uma aldeia, onde veio assaltal-o a morte.

(Siècle.)

NOTICIAS E COMMERCIO.

PROJECTO DE ASSOCIAÇÃO NACIONAL PARA UM CAMINHO DE FERRO DE LISBOA Á FRONTEIRA.

Um pensamento nacional e civilisador dictou a Circular, que ao diante publicamos, dirigida a diversas pessoas, para se alcançar o fim ahi designado. Se em volta de tão grande pensamento se esquecerem os partidos, e se unirem as vontades, não faltará honra e gloria, ao que talvez muitos julguem um impossivel.

Quando o proveito de uma idéa é incalculavel

— os sacrificios não devem ter conto nem termo. Quanto a nós é da percepção destes dois factos que pende a resolução do problema economico, que por meio de um caminho de ferro, nos deve aproximar da civilisação e da prosperidade que nos falta. Esperamos que a idéa da circular se converta em facto.

(Circular.)

Illm.º Sr.

510 No meio das dissenções, em que infelizmente nos achamos desde muitos annos, um ponto me parece existir em que é commum a todos os portuguezes o interesse e dezejo de sua realisação — são as vias de communicação.

Um pensamento appareceu em ponto grande, e foi a Companhia das Obras Publicas de Portugal — causas que nos são bem conhecidas fizeram desapparecer esse meio. Temos um tributo para estradas, porém é minha opinião que elle não preenche o fim.

Quando vemos o que n'este ramo estão fazendo todas as nações, não me parece possivel, que cada um portuguez deixe de sentir excitação e inveja, e que desejando por um momento ser legislador absoluto, não lhe pareça vêr um meio — por que nós deveriamos ter estradas, caminhos de ferro, e todos os bens que estes melhoramentos trazem comsigo.

Possuido destas idéas, e seguindo os impulsos de meu coração, entendi, que alguem hade principiar por appresentar os seus pensamentos. — Serei eu que o faça sem pretenções a mais coisa alguma, do que despertar, ou desafiar aos que melhor podem preencher o fim desejado.

Tendo vacilado sobre o modo de appresentar minhas idéas, pareceu-me mais conveniente, promover uma reunião de portuguezes de todas as opiniões politicas, na Casa da Assembléa Filarmonica, Rua Nova do Almada, no dia 11 do corrente mez, pelas 6 horas da tarde.

Lisboa 6 de Agosto de 1851.

Deus Guarde a V.

M. G. DA C. S. ROMÃO.

BIBLIOGRAPHIA.

511 CARTA AOS PORTUGUEZES por *D. Antonio de Almeida*, vende-se na loja de Lavado, rua Augusta n.º 8. Preço 60 rs.

REVISTA UNIVERSAL LISBONENSE.

Escriptorio na rua dos Fanqueiros n.º 82.

No dia 14 do corrente, começa a **REVISTA** o seu decimo primeiro anno de publicação, com o IV volume, da II serie.

O seu passado ahi está para garantia do seu futuro. As suas promessas são as suas obras.

O plano continua a ser o mesmo.

A primeira parte será dedicada aos interesses economicos do paiz: — e além de artigos relativos á agricultura e á industria, conterá a descripção das fabricas do paiz: e cartas ácerca da Exposição Universal, especialmente escriptas de Londres, para a **REVISTA**, e além de outros trabalhos extrahidos de jornaes estrangeiros.

Na segunda parte, começará logo no primeiro numero, e continuará sem interrupção nos seguintes, o romance historico do Sr. Rebello da Silva — *A Mocidade de D. João V* — do qual a primeira edição é propriedade unica da **REVISTA.** Terminará o *Anno na Corte*, do Sr. João de Andrade Corvo. Publicará Cartas do Sr. Rebello da Silva, ácerca da litteratura contemporanea e suas origens. Tambem para a parte litteraria possue já capitulos de um romance do Sr. Antonio Pereira da Cunha — *A Mineira* — e Uma Memoria historica e descriptiva da Sé de Lisboa, pelo Sr. Conego Vilella, annotada pelo defunto Em.mo Cardeal Saraiva (Fr. Francisco de S. Luiz.) E além destas obras conta com a collaboração dos escriptores distinctos, que a tem sempre honrado com os seus escriptos.

As noticias serão as mais variadas possivel.

A parte do commercio só em Janeiro começará, para constituir, no fim de um anno, os elementos de um retrospecto commercial.